

A latina palestra definiu a língua como obra criada pela poesia e consolidada pela Crítica. Anteriormente tinha identificado língua com pensamento e com dúvida. Poesia e crítica são portanto as duas formas que o pensamento pode tomar, são as duas maneiras de duvidar. Poesia é o pensamento que pensa em direção do impensável, é a dúvida que investe contra o nada. Crítica é o pensamento progressivo, a dúvida metódica. O produto da poesia é o verso. O verso é a matéria prima da crítica. A crítica converte o verso em prosa. É portanto sumamente apropriado falar-se em "conversaço" ao caracterizar a crítica como atividade. A presente palestra será dedicada à consideração da conversaço neste sentido. Podemos encarar a conversaço como processo de explicação daquilo que está implicado no verso, como processo de explanação daquilo que está planejado no verso, como processo de desenvolvimento daquilo que está envolvido no verso. Em outras palavras: a conversaço é a realização progressiva daquilo que está contido no verso em forma de projeto. Esta definição é fundamental para a compreensão da situação humana. Desvenda a um tempo o poder e a limitação do homem como ser que pensa. A conversaço é um processo de realigação, isto é transforma potencialidade em efetividade. Nisto reside o poder do homem. Mas a conversaço está limitada aos projetos que lhe são propostos pelos versos, isto é a umas poucas aberturas desvendadas pela poesia em seu avanço rumo ao nada. Nisto reside a limitação do homem. Em outras palavras: O que é pensável é realizável, mas nem tudo é pensável. A presente palestra será portanto dividida em duas partes: a primeira considerará a conversaço como realigação de projetos, e a segunda considerará a conversaço como repetição tautológica de umas poucas premissas. Na primeira parte aparecerá a conversaço como vontade do poder, na segunda como o eterno retorno do sempre idêntico. Se eu tiver êxito nas duas partes, terei conseguido o que Nietzsche chama de "pensamento mais difícil", a saber o pensamento simultâneo: tudo é vontade do poder e tudo é o eterno retorno do sempre idêntico. O alvo é portanto majestoso. Façamos pois a tentativa.

O verso, em sua densidade patética, é uma abertura da língua para o nada. No verso o véu do pensamento se rasga. O verso é um descobrir, um desvendar, um des-esconder (entbergen). O verso é ^{quando} encontrar, um achado, uma invenção (Erfindung). ~~do nada pela língua.~~ Pelo verso a língua descobre e inventa o nada, isto é invade o nada. O verso é portanto a fonte da verdade, mas é infinitamente superior à verdade. O verso inventa e descobre aquilo que será demonstrado progressivamente como sendo verdade pela conversaço. A conversaço é a verificação progressiva do verso. É este o pensamento que Nietzsche tinha em mente ao dizer: arte é melhor que verdade. E o pragmatismo de um James e um Dewey adquirem a sua verdadeira proporção neste pensamento. O verso como ato produtivo é o dado ("res") a ser verificado pela conversaço. Somente neste sentido posso aceitar a definição da verdade proposta pela filosofia tradicional como "adaequatio intellectus ad rem". É preferível dizer "veritas est adaequatio intellectus obscurivi ad verum". A verdade é a adequação do intelecto discursivo, isto é do intelecto em conversaço, ao verso. A verificação da conversaço progride pela submissão do verso às regras da gramática. Podemos portanto dizer que uma dada frase é verdadeira, se e quando obedece às regras da gramática. Este é o aspecto estrutural e intraconversacional da verdade. A ultima instância da verificação, a verificação empírica se preferem os senhores, é o recurso ao verso. O verso, sendo o dado primário do intelecto, é a última instância da verificação. Não é possível ultrapassar intelectualmente o verso para adequar o intelecto com alguma "res" que originou o verso, alguma coisa em si kantiana. O verso é a última revelação a ultima abertura (Offenbarung) que o intelecto pode alcançar, e é portanto o verso a última meta da verificação, é a fonte da verdade. Os antigos, tanto judeus como gregos, sabiam que a fonte da verdade é a revelação no verso, ou, como eles diziam, na palavra divina pela boca dos profetas e dos oráculos. Os empiristas dos séculos 17 e 18 tentaram substituir a palavra divina pelos nervos, ao dizer: Nihil est in intellectu, quod non prius fuerit in sensibus (nada está no intelecto, que não tenha estado antes nos sentidos). Mas esta formulação não resiste a uma análise ^{logicista}, a não ser que a fixemos dentro de uma camada de significado ontológica, e não fisiológica, como pretende inautenticamente pelo emprego da palavra "nervos". Na camada ontológica, no entanto, a palavra "nervos" se revela como sendo sinônimo da palavra "verbo divino" e da palavra "verso", a saber revelação do inarticulado, descobrimento e invenção do nada pela língua.

Atividade verificadora da conversação é uma atividade criadora de realidades. Para que esta afirmativa adquira um significado, torna-se necessária, finalmente no curso destas palestras, a definição do conceito "realidade". Definirei a realidade como conjunto dos elementos com os quais o intelecto pode operar, ou, o que é equivalente, como conjunto dos elementos que compõem o intelecto. Esta definição requer um esclarecimento, porque é bem mais estreita que as definições tradicionalmente propostas. Definir significa distinguir. No sentido português do termo, "realidade" é definida tradicionalmente em oposição à aparência, isto é, em última análise, em oposição ao erro. Em português, portanto, o conceito "realidade" envolve o conceito "verificação". Em alemão, o termo "Wirklichkeit" corresponde mais com o latim "actualitas", em vez de "realitas", e pode ser traduzido do aproximadamente como "efetividade". É portanto definido em oposição à aparência e à potencialidade. A definição proposta por mim se aproxima mais do conceito alemão, mas reduz-lhe ainda mais o escopo. Essa redução é consequência da minha definição da verdade. Elimina do conceito "realidade" tudo que ultrapassa o intelecto, por ser mero potencial não verificável do intelecto. Em outras palavras, a minha definição da realidade inclui tudo que pode ser conversado, e exclui tudo que não pode ser conversado. Esta definição não é nem tão estreita nem tão racionalista como pode parecer à primeira vista, já que definirei o conceito "intelecto" na próxima palestra de maneira mais ampla que a tradição filosófica. Em todo caso, a definição proposta por mim envolve, tanto quanto a definição tradicional, um processo. A realidade não é um dado, como se pressupõe ingenuamente, mas é, muito pelo contrário, o resultado da elaboração de dados. Os dados, também na filosofia tradicional, não passam de potencialidades, a serem verificadas para se constituírem em realidade. Até os empiristas são forçados, de maneira muito penosa para eles, de distinguir entre impressões ilusórias e impressões que tendem para a verificação. Se são honestos, devem admitir, conforme creio, que essa distinção é feita exclusivamente na conversação, isto é que as impressões ilusórias são desvendadas, pela conversação, como erros.

A diferença entre a definição da realidade proposta por mim, e as definições propostas pela tradição filosófica não é, portanto, aparentemente muito significativa e pode ter-me, aparentemente, poupado o trabalho de expô-la aos senhores. Entretanto, acontece que não salientei ainda a maior diferença. Embora cada filósofo que se preza tenha o seu próprio conceito de realidade, geralmente cada filósofo opera com um único conceito, ou, para dizer o mesmo em outras palavras, para a maioria dos filósofos existe uma suprema realidade. A definição que lhes proponho admite uma infinidade de realidades. Isto parece ser um defeito, já que pelo princípio da navalha de Occam "entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem". A discussão que se seguirá pretende demonstrar que essa multiplicação de realidades é necessária para a compreensão do intelecto.

Os dados que são submetidos na conversação ao processo de verificação, isto é os dados dos quais os intelectos em conversação duvidam, são os versos. Essa verificação é um desfraldar, um afrouxar, uma prosaização do verso. Nessa atividade o significado compacto do verso se derrama, conversação a dentro, numa torrente de frases significativas. Cada uma dessas frases constitui um elemento com o qual o intelecto pode operar, ou, em outras palavras, constitui um elemento do intelecto. Constitui portanto, de acordo com a definição proposta, um elemento da realidade. À medida que a conversação progride, a realidade cresce. Mas o verso e sua conversação pode dar-se em qualquer camada de significado. Isto equivale a dizer que uma dada frase da conversação é significativa somente dentro de uma dada camada de significado, sendo insignificativa, um mero ruído, fora da sua camada. Somos portanto forçados a concluir que existem tantas realidades quantas camadas de significado. Além disso somos forçados a concluir que existem tantas realidades quantas línguas existem. Cada língua, e cada camada de língua, cria a sua própria realidade. Algumas realidades podem ser ligadas entre si por traduções, saltos entre realidades. Outras não são ligáveis desta forma. A honestidade intelectual nos força a admitir uma infinidade de realidades, por incômoda que seja essa admisão. Podemos, é verdade, tentar instituir uma hierarquia de realidades, como o fiz na penúltima palestra. Podemos dizer que a conversação primária é aquela que conversa nomes próprios, e que portanto a realidade criada por este tipo de conversação é a realidade primária, a realidade mais significativa. Mas a verificabilidade interna de cada camada de significado torna vazia toda hierarquia. Por exemplo a realidade da física é possivelmente menos significativa que a realidade da conversação primária, mas um intelecto situado nela argumentará da seguinte maneira:

ra: a minha camada de significado é consequência do progresso da conversação a partir da camada primária. Consequentemente é a realidade da minha camada consequência da verificação das potencialidades contidas nos versos de todas as camadas anteriores a minha, portanto a única realidade. Os versos que são propostos às demais camadas precisam ser traduzidos para a minha para serem realizados. Somente os versos que são dados diretamente em minha camada, as teorias físicas portanto, são diretamente realizáveis. Um intelecto situado em camada intermediária, por exemplo da psicologia, argumentará identicamente, com a diferença que negará realidade às camadas superiores como a física, por serem abstrações da única realidade que é a sua. Como vêm os senhores, toda realidade criada pela conversação tem tendências totalitárias. Estamos diante de uma infinidade de realidades intolerantes umas ^{em relação} para as outras.

Toda realidade é uma explicação dos versos que são dados à conversação. Em outras palavras: toda camada de significado, se coroada de êxito, explicará todos os dados. Não somente os dados que aparecem diretamente em sua camada, mas também, por tradução vertical, todos os versos de todas as demais camadas. Por exemplo: a física explicará, se e quando coroada de êxito, todos os dados, e a realidade física será toda a realidade. Todos os conceitos de todas as demais camadas serão eliminados como meras aparências, meros erros por meio da tradução horizontal vertical, serão desmascarados como meros barulhos. Teremos a realidade física, diante da qual as demais camadas de significado não passarão de potencialidades a serem traduzidas para a linguagem física para se realizarem, ou não passarão de ilusões. A única conversação significativa será a conversação física. O mesmo é aplicável a toda camada de significado, por exemplo à biologia, a psicologia e a sociologia. E isto não é tudo. As camadas podem subdividir-se indefinidamente, e cada subcamada representará uma explicação da única realidade totalitária e devorar todas as demais. Uma subdivisão da camada da sociologia, por exemplo, reclama atualmente grande atenção com sua insistência sobre a realidade brasileira, embora, neste caso particular, haja provavelmente muita confusão de camadas e portanto degeneração da conversação em conversa fiada. Repito portanto que a honestidade intelectual nos força a admitir uma infinidade de realidades. Volto ao ponto de partida. A conversação, dividida em múltiplos braços, que são as diferentes línguas, e em múltiplas camadas de significado, cria, em seu avanço, outras tantas realidades. Essas realidades são consequência da crítica dos versos propostos à conversação como temas. Permitam que recorra a uma imagem para ilustrar este processo. Os versos são como aquelas plantas artificiais japonesas que parecem ser pequenas bolas coloridas mas que, ao serem imersas na água, se desfaldam em formas sempre mais fantásticas e sempre mais tênues, até se diluírem na água. Assim a conversação desfalda as potencialidades contidas nos versos em formas sempre mais fantásticas e tênues, formas que chamei "realidades", até diluí-las em pura estrutura. As realidades que a conversação cria são dinâmicas, estão em fluxo, e tendem a dissolver-se. Em outras palavras são realidades duvidosas, realidades criadas pela dúvida para serem duvidadas. Em seu conjunto representam a dúvida em marcha. Exatamente por isto são realidades maleáveis. Exatamente por isto é a conversação um processo que chamei de belo na última palestra. O intelecto empenhado em conversação está, como nós aqui nesta sala neste momento, empenhado num esforço criador de aumento de realidade. Não é belo esse esforço? Não traz consigo o sentimento de poder e de vitória sobre o caos do inarticulado? O que era mero projeto no verso, mera potencialidade apenas esboçada, está se tornando real, portanto disponível, graças ao nosso esforço. Por exemplo o conceito "conversação". Não está sendo ele realizado neste momento graças ao nosso esforço conjunto, desfaldando as potencialidades que põem tem como projeto? Não é o pensamento uma bela aventura? É este sentimento exuberante que Nietzsche tinha em mente quando falava da vontade que chega ao poder, embora eu prefira dizer dúvida que chega à realidade. E Vicente Ferreira da Silva quando falava da exuberância da vida, o que tinha em mente era justamente este triunfo do pensamento criador, embora o negasse. Porquê como pensador que era, não podia ter tido vivência de outro triunfo. Ante este triunfo criador do pensamento, todas as demais vitórias materiais e vitais empalidecem, sombras que são desse pensamento. Quão pálido é o avanço de Alexandre rumo à Ásia, quão insignificantes e secundárias são as conquistas, até de um Edison e um Pasteur, se comparadas com o triunfo criador de um Newton, um Darwin, um Mozart. O pensamento em sua força criadora estabelece mundos para que subalternos, como Alexandre Magno ou Edison os possam conquistar. Repito: é belo pensar e a conversação é bela

Espero que os senhores me perdoarão este breve instante de exaltação, infelizmente fugaz e enganador ao extremo. Pois a dúvida, inexorável e impietosa, o ultrapassa e o devora. Depois da embriaguez do triunfo vem, inexoravelmente, a resaca da derrota. De que, afinal das contas, pode vangloriar-se o pensamento? De ter desenvolvido os temas, os poucos temas, que lhe foram propostos pelos ver-
sões. Que realidades são estas, afinal das contas, que o pensamento cria, que mundos são estes que estabelece? São variações repetitivas, portanto nojentas e te-
ra possa parecer que a chuva vivificante da inspiração poética jorra continuamente
versos sobre a conversação, estes versos são, com efeito, eles também, ressusitações
repetitivas de uns poucos versos. O poeta, ao encarar o abismo do nada, está ex-
postó a muito poucas variantes do espanto. Tratmei dessas variantes quando discu-
tirei o mito. Isto em nada afeta a originalidade de cada verso, porque cada verso
autêntica é uma abertura (Offenbarung) em seu próprio direito. Mas afeta, isto sim,
a nossa valorização da conversação subsequente. Embora os versos revivifiquem a
conversação sempre de novo, esta gira sempre em círculos em redor dos mesmos pon-
tos centros. Gira em círculos crescentes, (para usar uma expressão rilkeana), mas
volta sempre ao ponto morto. A conversação é uma variação incançável e expansiva
de umas poucas palavras primordiais (Urworte), um incançável mas cansativo idem per
idem. Pois isto é justamente o critério da verificação que é a conversação; se uma
frase é repetitiva, ela é verdadeira. Se não o é, é um ruído sem significado. K ant
subja deste aspecto frustrante e tedioso da conversação, ao estipular o problema
dos juízos sintéticos a priori. Mas, como no caso da coisa em si, também neste pro-
blema crucial faltou-lhe a sinceridade de admitir as frustrantes limitações do inte-
lecto. Formalmente é a conversação uma incançável substituição de símbolos por
outros símbolos equivalentes, para evitar o símbolo zero. O conjunto desses sín-
bolos é o conjunto das realidades criadas pelo pensamento. Existencialmente é a
conversação um articular incançável para evitar a angústia do calar-se. O conjun-
to destas articulações é o conjunto dos mundos criados pelo pensamento. A conver-
sação como um todo é um único gigantesco assobiar na floresta escura do nada. Um
assobiar intercalado por momentos de susto, e retomado com novos temas, um assobi-
ar fundamentalmente inautêntico, por insignificativo como um todo, e sintomático da
angústia que a floresta densa e próxima, impenetrável e misteriosa, insufla. "Wir
sind dem Urgrund unsres Seins nicht weiter lieb" (não somos extraordinariamente ca-
ros ao fundamento do nosso Ser) (Rilke), a floresta nos esmaga. Não admira que
corramos nela em círculos, seres perdidos e sisificamente condenados que somos.
Compenetrado desta nossa situação fundamental, compenetrado da frustração nojentada
conversação e da presença próxima e angustiante do nada, tanto na forma do inefável
como na forma da morte, Cemus pergunta: "Porque não me mato?" Se é que compreendi
bem a sua resposta, esta reza: "por honestidade". E interpreto essa resposta da
forma seguinte: Embora a conversação seja um sintoma da angústia existencial, e nes-
te sentido uma fuga da morte, é ela a única maneira honesta de ^{vez} comportarmos face à
morte. Todas as demais formas, suicídios que são, são um precipitar para dentro da
morte, e neste sentido desonestas. Essas formas incluem o suicídio físico, o sui-
cídio metafísico em forma de mistério mudo e em forma de fé forçada, e a ignorân-
cia fingida da morte que resulta em conversa fiada. A conversação autêntica, embo-
ra fuja da morte, está sempre ciente dela, está sempre invadida pelo nada. Gira em
torno da morte e vibra com a morte. É justamente neste sentido que ela é autên-
tica, que ela é honesta. A conversação pode ser interpretada, existencialmente,
como uma única enorme conjura da morte. Os mundos que ela cria são outras tan-
tas fórmulas mágicas, outras tantas mantras, a conjurar a morte. As realidades que
ela estabelece são outras tantas imortalidades em aspas. O pensamento foge da mor-
te para a imortalidade, embora essa imortalidade não seja a vida eterna, mas o re-
torno eterno do sempre idêntico. Neste sentido podemos dizer que o pensamento é
inimigo da vida porque teme e foge da morte, e que, ao superar a vida, supera, de
maneira um tanto frustrante, a morte. Seja como for, a conversação, por conduzir
da angústia para o eterno retorno do sempre idêntico, vence a morte. Na conver-
sação podemos exclamar, embora em voz trêmula "Death, where is thy sting?" (Mor-
te, aonde está o seu ferrão?). O pensamento, por ser tautológico, conduz para a
imortalidade.

Não sei se consegui pensar, e muito menos se consegui transmitir aos senhores, o
pensamento mais difícil que é: tudo é vontade do poder, e tudo é o eterno retorno
do sempre idêntico. Não sei, em outras palavras, se esta palestra é uma con-ver

sação externa, ou interna, ou, Deus não o permita, uma conversa fiada- Só sei que toda conversação é uma conversação com a morte, e que, ao escrever esta palestra, senti a sua proximidade. Assim provoca a conversação, em seus círculos mágicos, dança ritual da morte que é, assim provoca ela o nada. Conduz a uma espécie de intuição poética, pelo caminho longo e poeirento da especulação reflexiva.

A contemplação da conversação provoca, no intelecto contemplativo e empenhado nela, a sensação da euforia e da humildade, do estar junto (Mitsein) e de estar jogado rumo à morte (Geworfensein zum Tode). Na próxima palestra tentarei des- envolver, isto é realizar, essa sensação, em outras palavras tentarei, finalmen- te, definir o conceito "intelecto." E tentarei aprofundar-me um pouco no con- ceito de "autenticidade". Como vêm os senhores, a nossa discussão nos leva rapidamente, impelida por seu próprio ímpeto, enfim pelo projeto cuja realiza- ção ela é, rumo às regiões da ética, isto é dos valores. ~~Dada essa direção, interrompe as considerações de hoje um tanto precipitadamente, pra permitir mais espaço à discussão que espero será criadora de realidades.~~